

abpi.empauta.com

Associação Brasileira da Propriedade Intelectual
Clipping da imprensa

Brasília, 06 de junho de 2022 às 08h04
Seleção de Notícias

O Globo | BR

Pirataria

Quedas, torções e resistência são parte da jornada dos brinquedos para obter o selo de certificação

ECONOMIA E NEGÓCIOS | ELISA MARTINS E LUCIANA CASEMIRO

Quedas, torções e resistência são parte da jornada dos brinquedos para obter o selo de certificação

ECONOMIA E NEGÓCIOS

Antes da diversão, mais de 236 mil itens são submetidos a ensaios para garantir a segurança dos pequenos. Maior desafio do mercado é a entrada de **produtos** piratas

ELISA MARTINS E LUCIANA CASEMIRO

economia@oglobo.com.br

SÃO PAULO E RIO

Antes da diversão, testes de arrancamento, queda, torção, resistência. Há três décadas os brinquedos são certificados no Brasil pelo Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia (Inmetro). Atualmente, há 236.664 produtos, entre nacionais e importados, que, para ganhar o famoso selo do instituto, passam por avaliações rigorosas de segurança até chegar às mãos da meninada de 0 a 14 anos.

--Ao longo desses 30 anos, a regulamentação vêm sendo aperfeiçoada. Diante do avanço tecnológico, o desafio do novo modelo regulatório em estudo pelo Inmetro é ser mais inteligente e transversal de forma a ser aplicado a qualquer novo brinquedo --diz Hércules Souza, chefe da Divisão de Verificação e Estudos Técnico-Científicos (Divet) do Inmetro.

É no ensaio de laboratório que se revela se aquele produto aparentemente inofensivo para bebês, por exemplo, pode soltar peças pequenas ou pontiagudas. O velocípede é posto à prova para verificar se ele tomba, capota ou quebra em partes menores ao se chocar com um obstáculo.

Nem ursinho de pelúcia escapa: técnicos ateam fogo para verificar a inflamabilidade do bichinho.

Os testes são variados e necessários para averiguar perigos. Quanto menor a idade da criança a que se

destina o brinquedo, mais rígida é a avaliação. O produto só é liberado ao mercado, seja produzido dentro ou fora do Brasil, se passar pelos ensaios nos laboratórios credenciados pelo Inmetro. Em 2021, 270 milhões de brinquedos fabricados pela indústria nacional e 200 milhões importados fizeram jus ao selo, segundo a Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos (Abrinq).

--Os brinquedos aprovados apresentam o selo de segurança da certificação dizendo que foram testados. E o que garante que a sua casa não vire um laboratório, e que os seus filhos não sejam as cobaias explica Patrícia Falcão Bauer, diretora da Falcão Bauer, empresa acreditada pelo Inmetro para a realização dos ensaios.

As análises nos laboratórios se dividem entre químicas e físicas. Nas primeiras, técnicos verificam se o produto tem algum composto tóxico. Partes pequenas dos brinquedos são colocadas em tubos de ensaio com solventes e levadas a um aparelho que identifica a presença de substâncias nocivas à saúde da criança em caso de ingestão ou contato com o produto. E um dos testes que mais geram reprovações, segundo Patrícia.

Já nas avaliações físicas, é verificado se o brinquedo oferece algum risco de engasgamento, corte, arrancamento, impacto, entre outros perigos que aterrorizam os adultos. O ensaio a ser feito é determinado de acordo com a classificação da faixa etária do produto, que pode ser alterada, caso o teste demonstre que o brinquedo é inseguro para a idade indicada pelo fabricante.

Nos brinquedos para crianças de até três anos, um dos testes principais é o de queda. Os produtos sofrem até dez quedas consecutivas de uma altura de 1,38m até o chão. O objetivo é descobrir se o produto pode soltar

Continuação: Quedas, torções e resistência são parte da jornada dos brinquedos para obter o selo de certificação

peças pequenas ou quebrar de forma pontiaguda com o impacto.

Por sua vez, as partes menores dos brinquedos, quando existem, são inseridas em um cilindro que simula a traqueia da criança. O teste avalia um dos maiores medos de quem tem filhos: o de asfixia. Se a peça pequena passar pelo cilindro, significa que pode passar pela traqueia da criança e representar até risco de morte, caso fique travada na garganta. Obviamente, nesse caso, o produto é reprovado.

O mesmo vale para peças pequenas que possam cair após outro teste, como o de arrancamento, e ser engolidas pelas crianças. As partes que representam risco (como os olhos de bichinhos de pelúcia) são presas a um aparelho chamado dinamômetro, que aplica uma força similar à de uma criança sobre o brinquedo. Se a peça pequena se soltar ao ser puxada, é porque provavelmente a criança conseguirá fazer o mesmo.

Outro ensaio de laboratório para evitar o susto em casa é o de inflamabilidade. Técnicos ateam fogo no brinquedo por três segundos. Se a chama se propagar por mais de três centímetros por segundo, significa que pode se alastrar rapidamente e ser de difícil controle.

Segundo a cientista social Erika Tonelli, especialista em Entornos Seguros e Protetores da Aldeias Infantis SOS Brasil, há um apagão estatístico no Brasil hoje, e nos dados de acidentes com crianças não há um recorte específico sobre brinquedos. Hoje, diz ela, a grande ameaça à segurança das crianças são os **produtos** piratas que entram de forma ilegal no país e são vendidos no comércio popular e informal:

--De forma geral, houve um avanço considerável. Os brinquedos ilegais são hoje os que oferecem maior risco.

Synésio Costa, presidente da Abrinq, diz que dos R\$ 10 bilhões movimentados pelo setor, 6% correspondem a **produtos** piratas:

--O desafio é interceptar essa mercadoria antes que entre no país. Em abril, foram apreendidos, ainda no mar, 120 contêineres, com ao menos 4 milhões de brinquedos piratas. A fiscalização não é suficiente. Precisamos convencer a dona Maria que ao comprar um **produto** pirata pode estar submetendo uma criança à contaminação por cádmio que, a longo prazo, pode levar ao câncer alerta Costa.

ADULTO RESPONSÁVEL

Patrícia, da Falcão Bauer, chama atenção para outro perigo: os itens decorativos, que não são classificados como brinquedos e, portanto, não passam pelo rigor dos testes:

--As vezes os pais acham bonitinho aquele coelhinho da Páscoa, o Papai Noel, um enfeite de Natal. Mas eles não têm selo, não foram classificados como brinquedos e podem oferecer risco.

Segundo o médico Marco Antonio Chaves Gama, presidente do Departamento Científico de Segurança da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), diante dos desafios da fiscalização a única saída é a conscientização da sociedade:

--Se um brinquedo inseguro chega à criança, a responsabilidade é do adulto. A certificação é fundamental, mas é preciso se conscientizar de que a supervisão também é, principalmente quando há crianças de idades diferentes na casa, pois mesmo o brinquedo sendo certificado há risco quando é inadequado à idade. Não se pode esperar a atuação da fiscalização ou do governo para proteger a criança.

Índice remissivo de assuntos

Pirataria
3